

Grupo Estilos – Robson Pereira

Barroco, dobra e recursividade

O tema é vasto e impossível de resumir aqui. Então vamos ter que fazer escolhas e falar de fragmentos, tropos.

Em 08/05/1973, no seminário *Encore*, Lacan profere a famosa frase: “o barroco é a regulação da alma, pela escopia corporal”. Uma vez que “o homem pensa com sua alma”, o corpo e seu gozo poderia ser controlado se a alma fosse bem conduzida. Assim, a *Contrarreforma* mobilizou suas forças para retomar o controle de seus rebanhos através da imagem e persuasão (vide Giulio Carlo Argan). Como sabemos, os artistas barrocos cumpriram sua tarefa e, simultaneamente a subverteram (estética, ética e politicamente). Eis aqui, uma das razões para retomarmos a frase de Lacan: “eu me alinho mais do lado do barroco”. Este alinhamento, reconhecimento, vai possibilitar mais esse redobramento em direção a uma ética da psicanálise que ao reconhecer um outro gozo que não seja fálico, permite que os psicanalistas coloquem em funcionamento, por “vias essencialmente contingentes”, a prática de uma ética do bem-dizer e do não-todo.

A noção de dobra reposicionando o conceito de infinito, pode nos ajudar a articular com as concepções de recursividade advindas de outros campos e que ajudam a repensar, as atuais condições de psicanálise em intensão e extensão. Para retomar um diálogo com a recursividade, neste sentido que nossos recursos são discursivos, vamos nos lembrar que também nestes outros campos *Recursividade* é um termo usado de maneira mais geral para descrever o processo de repetição como forma de resolver problemas. Neste funcionamento recursivo, a repetição do mesmo não é suficiente. Há algo que escapa e que permite a renovação, a criatividade, dentro do mesmo processo. Definições como esta são frequentemente encontradas na matemática, por exemplo, a definição formal dos números naturais diz que 0 (zero) é um número natural, e todo número natural tem um sucessor, que é também um número natural.

Para os psicanalistas, esta lógica está ressoando a função paterna criada por Freud e depois retomada por Lacan com os nomes do pai. O pai primordial, mítico está morto e incorporado. E se seguimos a lógica de que Deus é uno e três simultaneamente, vamos ter que reconhecer que não somente o pai, mas o filho primordial também só pode ser referenciado por uma ausência.

A partir daqui recursividade pode dialogar com temas aparentemente distantes, também inspirados por Lacan ao nos advertir no seminário *Sinthome* (18/11/75) que a natureza se caracteriza por não ser uma. Daí, para abordá-la, precisamos do procedimento lógico. E que devemos tomar cuidado ao dizer muito rapidamente da distância entre natureza e cultura.

Por exemplo, reler *Arrabalde: em busca da Amazônia*, livro de João Moreira Salles. “É difícil compreender quando não se presta atenção (Simone Weil). Prestar atenção é sempre o primeiro passo...as novas descobertas da arqueologia demonstram como a Amazônia é não apenas um bem natural, mas também construção humana, ou, no modo de ver dos povos originários, um sistema surgido da colaboração entre humanos e não humanos. Durante milênios, parcelas dessa floresta vêm sendo manipuladas por mãos indígenas, num trabalho de seleção de plantas e construção de solos férteis que revela um conhecimento profundo das interações entre plantas, bichos, fungos, microorganismos, chuva e vento. A floresta que vemos hoje, parte natureza, parte obra humana, é fruto desta notável inteligência ecológica.”

Logo a seguir complementa: “Saber, por exemplo, que a floresta se alimenta da floresta. Que ela vive de si mesma, reciclando ininterruptamente o material biológico que é devolvido ao chão. O que existe ali vive, morre e, ao virar serrapilheira, alimenta o que ainda não morreu e o que está em vias de nascer – esse é o ciclo, o contrato social da floresta. As conexões e as interdependências são de uma complexidade que desafia os mais avançados modelos computacionais. Tudo depende de tudo. É lindo e é também precário. Empobreça-se a floresta e ela deixa de funcionar.”

Uma definição como esta, ressoa de forma complexa, o conceito de recursividade e simultaneamente nos possibilita escutar- “prestar atenção” aos outros saberes de nossa actualidade. Parafraseando o autor: empobreça-se a linguagem e nossa humanidade se fragiliza.